

» IAN VIEIRA*

Filho de mãe diarista e de pai pedreiro, Douglas Rocha Almeida, 31 anos, alcançou o sonho de carreira que tanto almejava. Tornou-se terceiro-secretário da carreira de diplomata do quadro permanente do Ministério das Relações Exteriores (MRE). Agora, vai representar o Brasil no exterior, defender interesses dos cidadãos e trabalhar em consulados, embaixadas e fóruns internacionais. Sonho que ainda não passava pela cabeça do jovem em 2010, quando passou por uma mudança de perspectiva brusca.

Aos 15 anos, Douglas, morador de Luziânia (GO), ingressou no Centro de Ensino Médio Elefante Branco (Cemeb) e também começou a estagiar no Ministério da Fazenda. A remuneração de R\$ 290 servia para pagar o transporte público até o Plano Piloto, onde estudava. Durante o estágio, o jovem se interessou pelo serviço público, trabalhando na área de almoxarifado do ministério. Chegou a ser promovido para o setor de tecnologia da informação (TI).

Na escola, Douglas comentou que descobriu a possibilidade de ingressar na universidade pública por meio de vestibulares para fazer graduação, hipótese ainda desconhecida: "Até então, nunca tinha ouvido falar da Universidade de Brasília (UnB), eu só fui ouvir falar quando comecei o ensino médio no Elefante Branco, porque era o desejo da maioria dos estudantes de lá".

Próximo passo

A renda mensal de dona Cida, mãe de Douglas e de mais três filhas, variava com base na quantidade de serviços semanais, em média R\$ 2.500. Por isso, além do estágio, o jovem disse que trabalhou em uma casa de festas aos fins de semana durante um período: "Primeiro como monitor de brinquedos e fazendo pintura no rosto das crianças". Em 2014, Douglas conseguiu aprovação com bolsa do Programa Universidade para Todos (Prouni) de 100% para cursar a graduação de relações internacionais na Universidade Católica de Brasília (UCB). Além disso, iniciou o curso de letras-espanhol na UnB.

Para pagar o transporte do Entorno para o Distrito Federal, começou a trabalhar como garçom, complementando a renda com R\$ 300 por fim de semana, além das gorjetas. "O custo da passagem de Luziânia para o Pistão Sul, onde fica a Universidade Católica de Brasília, e depois até a Asa Norte, onde fica a UnB, era muito alto. E também tinha alimentação, tudo

isso custeado com o emprego como garçom. Por um breve período, um professor pediu que eu traduzisse os livros dele do português para o inglês, então, fui remunerado por cerca de um ano, em que eu não precisei trabalhar como garçom", afirmou. "Foram quatro anos de muito sufoco".

Durante o curso de relações internacionais, o estudante descobriu a profissão de diplomata: "Eu tinha escutado esse nome, mas não sabia qual era a função, e muito menos vislumbrava a diplomacia como opção de carreira". A decisão pela escolha da profissão veio em 2017, em uma reflexão após a morte da irmã Thayná. "Eu e minha mãe sentimos muito, e um dia, eu pensei no que poderia ser meu futuro e comecei a me decidir pela diplomacia. Mas ainda era um sonho meio distante à época".

Novos ares

O objetivo começou a receber mais atenção em 2018, quando o estudante concluiu as duas graduações. "Fui para o Rio de Janeiro sem conhecer a cidade e com R\$ 600 no bolso fazer um mestrado na Escola Superior de Guerra, que é vinculada ao Ministério da Defesa. Passei em primeiro lugar no mestrado e estava com expectativa de receber bolsa".

Enquanto Douglas não recebia o auxílio, utilizou o dinheiro disponível para morar em uma república de três quartos para 20 pessoas. "Eu peguei meu cartão de crédito com pouco limite, porque eu já tinha gastado bastante para me deslocar com passagem aérea. Comprei macarrão e ovo para viver durante dois meses, no fim desse período, nem ovo havia mais para misturar no macarrão", afirmou. "Emagreci muito até o dinheiro da bolsa sair", conta. Após a liberação do auxílio financeiro concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o jovem começou a se alimentar melhor e alugou um quarto individual em Copacabana.

Objetivo traçado

Ao término do mestrado, o brasiliense afirma ter iniciado os estudos para o Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata (CACD): "Em março de 2021, eu dei início aos meus estudos. Em junho de 2021, teve a primeira prova, e eu passei na primeira, o que eu não esperava. Fui fazer a segunda fase e reprovei na prova discursiva de inglês. Fiquei triste por ter reprovado, mas feliz por-



Douglas Rocha, morador de Luziânia, estudou no Elefante Branco e na Universidade Católica de Brasília